

Uma aldeia no centro da cidade

Memorial dos Povos Indígenas expõe utensílios como panelas, tigelas e vasilhas, além de máscaras e armas como lanças e tacapes, equipamento para pesca, plumárias, pentes, enfeites, redes, cestos e os troncos sagrados da festa do Kuarup

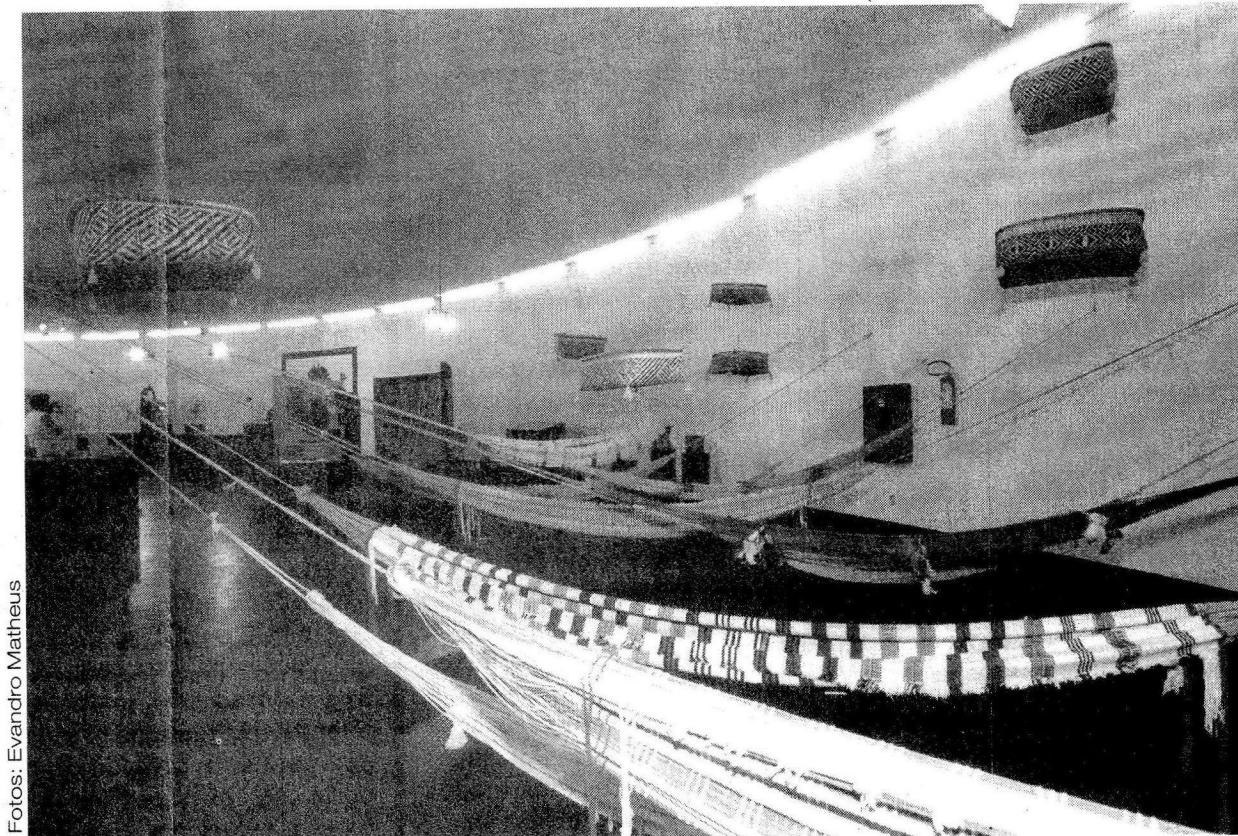
Taís Rocha
de Brasília

Leveza na utilização de materiais, cores fortes, geometria nos traços, vibrações, harmonia e onde a natureza e o mundo dos espíritos está sempre presente. Assim é a exposição *A Arte de Viver*, aberta ontem no Memorial dos Povos Indígenas.

São mais de 300 peças de 30 tribo de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Tocantins, Pará, Amapá e até do Leste do Peru. São utensílios como panelas, tigelas e vasilhas, máscaras, armas como lanças e tacapes, equipamento para pesca, plumárias, pentes, enfeites, redes, cestos e os troncos sagrados da festa do Kuarup. Objetos da coleção particular de Darcy Ribeiro, de embaixadas como a Embaixada da Alemanha e da própria diretora.

Responsável pelo museu desde abril de 1998, Sandra Wellington iniciou sua paixão pela arte indígena no final dos anos 60, quando fez sua primeira viagem a uma aldeia no Xingu com o pai, um diplomata inglês. Mas era uma época em que o País não estava muito interessado em seus índios. "As pessoas achavam que valorizar o índio era aumentar o subdesenvolvimento", lembra Sandra. Para ela, os índios são especialistas em algum tipo de arte e sabem viver. "Nas aldeias, as crianças não passam fome, os velhos não são abandonados, o chefe é escolhido pelo seu povo e não imposto. Eles sabem viver. Por isso a exposição se chama *A Arte de Viver*", afirma Sandra.

Na verdade, a exposição, que permanece até abril, está constantemente em mutação. "Os artistas, todos índios, vão trazendo a cada dia novos materiais e objetos. Por isso é uma exposição flexível", afirma Sandra. O mais interessante é que cada objeto colocado no local tem uma história. Os bancos, por exemplo, feitos com a madeira inteira no formato de animais, são usados apenas pelos caciques e pa-



Fotos: Evandro Matheus



jés das aldeias. As mulheres sentam em estruturas menores, feitas de buriti.

A exposição mostra os mesmos objetos que são trocados entre as tribos. O valor a eles atribuído é determinado pelo tempo que levou para ser confeccionado. O índio Sapain, pajé da tribo Kamayurá, é um dos idealizadores do museu e da exposição. Para ele, é muito importante para o índio ter um local só seu, onde pode mostrar para o branco como se vive na aldeia. "Aqui, é como se fosse minha casa".

Com o corpo pintado com tintas à base de jenipapo, usada em dias de festa, Sapain apresenta os chocinhos (que espantam os

São mais de 300 peças vindas de MT, MS, MA, TO, PA e AP maus espíritos), os charutos (usados para curar os doentes) e o fumo.

"O branco não entende, acha que isso tudo que está aqui não vale nada. Por isso não valoriza. Mas esse museu não é do branco", afirma o Pajé Sapaim. Seu nome, Sapain (que significa índio pequeno) foi dado por Orlando Villas-Boas, quando visitou a tribo Kamayurá. "Meu nome mesmo é Tamaiorá, que é onça grande", lembra o pajé.

Para a secretária de Cultura Luíza Dornas, o museu agora só tem a crescer. Afinal, desde que foi reaberto em abril de 1998,

o espaço tem funcionado sem inter-

rupções. Os projetos para revitalização do local incluem funcionamento da lanchonete (que está aberta à licitação), sessão de vídeo toda semana, palestras, programação para crianças como danças e jogos.

"Além de uma parceria com a TCB, que permite que escolas ou grupos visitem o museu com ônibus fretado, pensamos em ocupar a lanchonete e transformá-la em ponto de encontro, onde serão servidos pratos típicos da culinária indígena como batidas, licores de frutas, de piqui e bijus", diz a secretária.

ALDEIA

A Arte de Viver - Memorial dos Povos Indígenas (Eixo Monumental Oeste, Praça do Buriti). De terça a sexta, das 9

às 18 horas. Telefone: 226-5206.

